

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

DIEGO NAPOLITANO CURCELI

**Oficinas de percepção com narrativas para
trabalhadores de SRT e CAPS**

Santos
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO
CAMPUS BAIXADA SANTISTA
Programa de Pós-Graduação Ensino em Ciências da Saúde

DIEGO NAPOLITANO CURCELI

Oficinas de percepção com narrativas para trabalhadores de SRT e CAPS

Produto Técnico apresentado ao Programa de Pós-Graduação de Ensino em Ciências da Saúde da Universidade Federal de São Paulo – *Campus* Baixada Santista – para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Alexandre de Oliveira Henz

Santos
2022

SUMÁRIO

Espaços de formação com marcas e narrativas	P. 01
Proposta Metodológica - Um possível jeito de trabalhar com narrativas	P. 03
Encontro Um - Rua e Loucura	P. 04
Encontro Dois - Chegadas e saídas	P. 06
Encontro Três - Quase casa, quase serviço	P. 08
Encontro Quatro - Cuidado, julgamento e violência	P. 10
Encontro Cinco - Ossos do ofício e criação de possíveis	P. 14
Encontro Seis - Cachorro e outras coisas	P. 18
Encontro Sete - Vizinhanças entre proteção e comunidade	P. 22
Encontro Oito - Trabalho em pandemia	P. 24
Encontro Nove - Convívios e distanciamentos	P. 26
Encontro Dez - Morte em vida	P. 28

Espaços de formação com marcas e narrativas

As narrativas que comparecem nesta proposta de Oficinas com trabalhadores de CAPS e SRTs dão o que pensar, perceber. Estão expostas para que os leitores tragam suas percepções – entre camadas compradas prontas e curtos-circuitos – do que se passou ali e o que se passou nelas. O intuito principal é movimentar percepções que atraíam outras cenas, personagens, situações vividas que também estão em marcas em quem lê, de alguma forma aglutinando interesses comuns e singulares. Jogo político da percepção, perceber intensidades, perceber o que foi percebido e o que ainda pode ser percebido por meio delas. As narrativas estão abertas à exploração como um curta-metragem ou um miniconto e quem acessa, se envolvido afetivamente, pode pensar com elas, da mesma maneira que se ganha o que pensar quando se vê uma pintura, uma escultura, ouve-se uma música e sente fortemente isso ou aquilo, uma singular afecção, uma variação intempestiva na sensibilidade e subjetividade nesses encontros.

De encontros entre a saúde e a loucura em espaços como ruas e serviços, marcas ficaram em mim e com elas foram construídas as narrativas expostas a seguir. A aposta é que as narrativas são atratores de outras marcas em quem lê, com a possibilidade de construção de outras narrativas. Perceber em conjunto e em movimento. Problematizar noções, práticas, regimes, políticas e linhas que nos compõe enquanto viventes e pertencentes a grupos. Criar questões que interessam o fazer e o agir.

Perceber algo e no instante seguinte codificar em referências conhecidas, transformando sensação em linguajar e languageiro. E também perceber algo e tontear, não compreender, não resolver em palavra. A percepção se dá entre imagens nuas, imagens resolvidas, revolvidas inquietantes, em um difícil contínuo. Há um jogo entre o sensorial e a linguagem, a repetição e a invenção. As narrativas aqui presentes são rastros desses movimentos, rearranjos provisórios e podem disparar outros arranjos e arrastões.

Entre múltiplos movimentos na percepção é possível destacar certos relevos produzidos que parecem saltar em importância. Um interesse que se dá em quem percebe pela intensidade. Qual seria a natureza das relações entre elementos para que haja relevo, para que eles se tornem perceptíveis, para que se produza um determinado campo perceptivo? Qual é a natureza das relações entre elementos para que haja percepção, para que eles se tornem perceptíveis?

Há algo nas relações do percebido, algo enxameador de determinada maneira que não se resolve, germinado de questões a serem exploradas. Seria possível também relevar o que já está pronto e resolvido, calcificado em percepções traduzidas automaticamente em regiões demasiadamente prontas.

Se personagens críveis que protagonizam a cena podem parecer carregar uma questão central, por outro lado, detalhes a serem percebidos arrastam nuances e outras problemáticas possíveis. Um jogo onde focar presume que outros planos perceptíveis rondem nossa percepção de forma mais granulada. Transpor barreiras do que deve ser percebido e viajar em detalhes orbitantes, soltos na atmosfera.¹

¹ Peter Pál Pelbart narra o experimento da artista Alejandra Riera, intitulado *Enquete sobre o nosso entorno*, em que junto à Cia. Teatral Ueinz, abordava alguém na rua e lançava perguntas que lhe viesse à mente: Qual a magia desse lugar? Qual a sua felicidade? alcançando “o fundo sem fundo dos discursos que cada um carrega, a instabilidade psicossocial sobre a qual tudo repousa, e, igualmente por momentos fugazes, os germes que poderiam produzir outras coisas” (PELBART, P. P. **O Avesso do niilismo**: Cartografias do esgotamento. São Paulo: N-1 Edições, 2016, p.272).

Proposta Metodológica - Um possível jeito de trabalhar com narrativas

Em encontros remotos ou presenciais formados por trabalhadores de CAPS e SRT as narrativas serão lidas silenciosamente e depois em grupo em voz alta.

A partir das leituras, o espaço será aberto com questões. As perguntas ajudam: Quem? Como? Quanto? Onde e Quando? Em que caso? Um Método de dramatização². Abre-se um campo de discussão entre os participantes mediado por um ou dois coordenadores.

Outras questões específicas a cada narrativa serão disparadas para movimentar as percepções e atrair marcas e também embaralhar e suscitar jogos perceptivos. Em seguida será proposto a construção de novas narrativas a partir do que foi suscitado.

² Cf. Método da dramatização(1967) In: Gilles Deleuze . A Ilha Deserta e Outros Textos. Tradução de Luiz B. L. Orlandi, Ed. Iluminuras, São Paulo, 2006. p 131

Encontro Um - Rua e Loucura

Com o fone preso ao ouvido, desligado, tento passar pelas ruas concentrado para que nada aconteça. Na Praça da República, após dar bom dia a Mercúrio em repouso, Thomás grita ao meu ouvido:

— E aí, meu? Tá maluco?

— Que susto, Thomás. Tá querendo me matar?

Thomás segurava sua meia-lua. Cabelos compridos colados com gel, roupa preta e um colete de um material que parecia couro. Suado, continua e sorri:

— Nada. Intervalo do show.

Olho no chapéu de Thomás no chão e a mesma nota de dois reais com algumas moedas. Penso em jogar um trocado, mas sempre estou só com o bilhete único na carteira.

— Estou atrasado, Thomás. Boa sorte aí.

— Pô. Tem algum dia que não está com pressa? Hoje o repertório tem Raul. Prestigia aí!

— Não posso. Tenho hora pra chegar ao trabalho.

Thomás então se posiciona. Vibra sua meia-lua como um chocalho de cobra e então diz:

— Estamos de volta, Brasil! O show não pode parar. Quero ouvir as palmas.

Olho ao redor e ninguém parece enxergar Thomás. As pessoas andam rápido. Os transeuntes da cidade parecem que não sabem correr, nem andar devagar. Thomás então começa a cantarolar:

— Eu sou louco, mas sou feliz. Muito mais louco é quem me diz. Eu sou dono, dono do meu nariz. Em Feira de Santana ou mesmo em Paris. Não bulo com governo, nem polícia. Nem censura. É tudo gente fina, meu advogado jura. Já pensou o dia em que o papa se tocar. E sair pelado pela Itália a cantar. Ehê, ahã! Quando acabar o maluco sou eu. Ahã! Quando acabar o maluco sou eu. Ahã! Quando acabar o maluco sou eu.

A canção de Raul me acompanha por alguns momentos, até que me distraio e miro em uma árvore da praça e me deparo com uma folha de caderno e um escrito enigmático: “Chupei o caralho do Alberto Klegen pai em Ibiúna no sítio das Paineiras durante 13 anos. Chupei com câncer de próstata. Engoli a porra do Alberto Klegen. Sim. Sou

prostituta”. Já havia ouvido de um vendedor de bancas de jornal dizer que a autora se chama Márcia e tem o apelido de Xuxa, apesar de não se parecer com ninguém. Dizem que ela se veste de saias coloridas e blusas rendadas que ela mesmo faz. Contam que escapou de uma contaminação nuclear. Vez ou outra vejo seus rastros pela cidade. Nunca a vi, mas tem presença marcante. O escrito me faz lembrar de Carlos Adão, dos pixos, lambe-lambes e grafites.

Aperto o passo para não chegar atrasado. Antes de descer as escadas do metrô, avisto Pedro. Ele não me vê. Estava concentrado orquestrando o trânsito. Com várias sacolas amarradas ao corpo, gesticula na esquina da São Luís com a Ipiranga. Não entendo o que dizem os sinais que faz com o braço. Às vezes acho que são sinais de trânsito, mas por vezes parece sinalização para pouso de aeronaves. Não tenho carta para dirigir carro, muito menos aviões.

Desço as escadas para o metrô. Não quero chegar atrasado no CAPS.

Questões

Onde encontrou-se com a loucura? Ela andava, corria ou estava parada? Estava de bicicleta, moto, carro, avião ou a pé?

Quem é o louco marcado em você?

Como perceber a loucura lhe causou o quê?

Quando encontrou a loucura? Pode ser real? Como foi?

Encontro Dois - Chegadas e saídas

Expectativa para a chegada dos futuros moradores da residência terapêutica e ex-pacientes do Hospital Psiquiátrico. Mesas preparadas com salgadinhos e quitutes, som ambiente e decoração de festa com balões coloridos. Com algumas horas de atraso, a perua Kombi estaciona em frente à casa, que fica ao lado do CAPS. A viagem demorou cerca de três horas. Oito moradores, o motorista e um funcionário da Secretaria do Estado estavam presentes na viagem.

— Vamos gordão, chegamos na sua nova casa – Diz o motorista.

— Olá pessoal, sejam bem-vindos! Estávamos ansiosos à espera de vocês – Diz a psicóloga com um sorriso largo em seu rosto.

Dentro do automóvel, olhares desconfiados e corpos retraídos. Os profissionais que os acompanharam não sabiam o nome daquelas pessoas. Nas mãos, uma pasta com RG's de alguns e cópias de encaminhamentos. A frase escrita em cada relatório se repete: “estável e colaborativo”, seguida de uma lista com inúmeras medicações psiquiátricas, um CID X F70 e o tempo de internação. Todos haviam entrado entre 1980 e 1985 e tinham em comum a data da alta, daquele dia da viagem de chegada: 05/05/2018. Estiveram juntos internados no mesmo Hospital Psiquiátrico por cerca de trinta e cinco anos. Homens, cabeças raspadas, grunhidos, tosse, olhares assustados. Não quiseram descer do veículo. Com os documentos em mãos, os profissionais do CAPS olhavam as fotos e as comparavam para saber quem era quem. Não falavam. A psicóloga, ao identificar um dos moradores, direciona-se a ele:

— Você deve ser Assunção.

Franzino, sem trocar olhares, pega na mão da profissional e desce da perua. Segura a mão com força e começa a repetir:

— Embora. Quero embora. Embora.

Assunção leva a psicóloga em direção ao portão e ela diz:

— Aqui agora é sua casa. Você chegou em sua casa.

Assunção continuava a repetir:

— Embora. Embora. Quero embora.

Os outros saem vagarosamente, alguns sendo carregados. Três não andam e utilizam fraldas, que estão cheias. São colocados em cadeiras de rodas que o serviço conseguiu por doações. São levados à enfermagem do CAPS para serem trocados.

Jeremias, surdo e gordo, corre pelo espaço. Grita sons que não é possível decifrar. Direciona-se a uma janela e com um soco rápido, quebra o vidro. Dois profissionais tentam segurá-lo e pedem ajuda de mais um. O sangue espalha-se pelo chão. Jeremias chora e faz sinal de injeção, apontando para suas nádegas. Os profissionais limpam o curativo. A enfermeira direciona-se à médica e pergunta:

— Vamos medicá-lo? Haldol com prometazina?

O psicólogo intervém:

— Pessoal, é comportamental. Ele está se adaptando. Vamos tentar segurar corpo a corpo até ele se acalmar. Não vamos repetir as práticas do manicômio.

A médica diz a conduta:

— É muito sofrimento. Faz uma ampola de haldol com prometazina.

O psicólogo se cala e sai da cena, a médica também. Neste momento permanecem com Jeremias os técnicos de enfermagem e a enfermeira. Com ele deitado no chão, segurado por três técnicos de enfermagem, sua bermuda é abaixada ali mesmo em frente à recepção e a injeção aplicada nas nádegas marcadas de inúmeras cicatrizes de aplicações anteriores. De forma quase instantânea, a agulha, ao perfurar a pele, faz o morador se acalmar. Ele deita no chão imóvel, fecha os olhos e fica parado.

Outro morador urina em um vaso de flores. Manoel, educador físico, faz que não vê. Maria, auxiliar de serviços gerais, dirige-se à oficinaira Manoela e diz:

— Gente, isso aqui parece um incêndio. A gente apaga um fogo e brota outro ali. Meu Deus, que loucura!

Assunção e a psicóloga, de mãos dadas, estão sentados em um banco no jardim. Olham ao longe o movimento das pessoas correndo de um lado para o outro. Eles não soltaram a mão um do outro por longas horas.

Questões

Como se percebe em um hospital psiquiátrico? Como sairia de lá e para onde?

Qual foi o lugar que você permaneceu por mais tempo fechado?

Vamos fugir desse lugar? Que lugar?

Que viagem foi essa?

Qual o cuidado preferiria não?

Encontro Três - Quase casa, quase serviço

— O que foi? O que está olhando?

— Não estou olhando nada, Joaquim. Está tudo bem?

Era a primeira semana de trabalho na residência terapêutica. O serviço-casa existia há mais de três anos e eu estava convivendo naquele espaço há duas semanas. O café da manhã era servido em porções unitárias: pão com manteiga, uma caneca grande de leite com achocolatado distribuídos em uma mesa que comportava os oito moradores na sala, apertados. Joaquim me vê ao chegar e à pergunta se está tudo bem, responde:

— Não está tudo bem, não. Quero ir pra minha casa. Não. Não. Nããããããããã.

— Joaquim, mas onde é sua casa? Sua casa agora é aqui. Você quer ir embora pra onde?

— Aqui não é minha casa. Não gosto desses homens. Não. Para de me olhar. Para de falar comigo! Nããããã! Me deixe em paz!

Josué, acompanhante comunitário, chega ao pé do meu ouvido, e quase como ao me contar um segredo, diz:

— Ele vai desorganizar a casa e os outros moradores. Precisamos fazer algo.

Joaquim entra em seu quarto, fecha a porta e aos gritos, sozinho, repete para deixá-lo em paz e grita “não” muitas vezes. Ao me ver me aproximando do quarto, Raimundo, outro morador da casa, chega bem perto e me oferece uma vassoura e, com a expressão fechada, diz:

— Toma, pai. Toma a vassoura.

— Não, Raimundo. Para que essa vassoura? Não precisa.

Quando abro a porta do quarto, Joaquim vem em minha direção, tento segurá-lo mas arranha minhas mãos e arremessa uma cusparada em meu rosto. Sebastião, outro morador que estava por perto, aplica uma gravata em Joaquim e um tapa em seu rosto. Tento separá-los e digo para Sebastião se acalmar. Deixo Joaquim sozinho e me retiro. Joaquim ainda grita.guardo do lado de fora até não escutar mais barulho.

Após alguns minutos, abro a porta e Joaquim dorme profundamente. Expressão cansada. Vou embora, cansado.

No outro dia, chego à residência terapêutica e a primeira coisa é procurar por Joaquim que ainda estava no quarto.

— Posso entrar?

— Pode.

— E aí, cara? O que aconteceu ontem? Você está mais calmo? Olha aqui minha mão. Está toda machucada.

— Desculpa. Você pode cortar minhas unhas?

Questões

O que faz da casa ser casa?

Fique à vontade, a casa é sua?

Onde não se deve entrar sem autorização?

Já apanhou ou bateu? Quando e onde?

Encontro Quatro - Cuidado, julgamento e violência

Era terça-feira de manhã quando o celular da médica psiquiatra Joana foi furtado. Eu não estava na unidade e os profissionais contaram que ela deixou o celular na sala onde atendia quando precisou se ausentar e, ao retornar, o celular não estava mais lá. Ao perceber o desaparecimento, foi à sala de equipe e, chorando, disse aos profissionais que estavam no local:

— Pessoal, meu celular foi roubado! Acabei de trocar esse aparelho. Por favor, me ajudem a encontrá-lo. Paguei caro pra caramba. Nem usei direito. Nossa, não sei o que fazer. Me ajudem.

— Que absurdo, doutora! Temos que parar a Unidade. Ninguém entra e ninguém sai. Inclusive o almoço só deve ser servido quando esse celular aparecer! Isso aqui virou o que, agora? Isso que dá essa história de não ter controle. Por mim, chamávamos a polícia e aí quero ver o que acontece – disse o psicólogo.

— Não podemos fazer isso, que loucura, gente. Acione o localizador interno que poderemos encontrar, doutora. – Sugeriu outra psicóloga.

Ao indicar a localização do aparelho, a médica e mais um profissional foram ao ponto de ônibus quase em frente ao CAPS e encontraram o celular junto com Alcebíades, usuário do serviço que se encontra em situação de rua há aproximadamente dez anos. Ele oferecia o celular às pessoas e pedia qualquer quantia em troca. Joana pega o celular das mãos do usuário e ele diz:

— Oi doutora. Não sabia que era da senhora. Achei no chão. Estava vendo se alguém queria pra eu comprar uma coxinha. Pode levar. Tô voltando pro CAPS. Desculpa.

Quando Alcebíades chega ao CAPS é barrado e informado por alguns profissionais que teria que ir embora naquele dia porque o que fez foi muito errado. Informam que Alcebíades poderia voltar só na quinta-feira.

No dia seguinte do ocorrido, profissionais se sentam em círculo para começar a reunião semanal, que ocorria com duração de três horas. Este é um espaço institucional onde se pretende discutir com maior profundidade os assuntos relativos à organização do trabalho, os casos complexos e algumas estratégias coletivas de intervenção. Após abrir a ata, pergunto aos presentes:

— Bom dia a todos. Vamos levantar a pauta. Quem gostaria de pautar?

A médica então pede a palavra:

— Gostaria que discutíssemos o roubo que aconteceu aqui. Ainda estou muito nervosa, mas acredito ser impossível que trabalhemos num local que está se tornando perigoso, sem condições de estar, onde nossos pertences estão sendo levados pelos pacientes. Precisamos fazer algo!

— Sem contar que não é a primeira vez que some algo aqui dentro. — complementa o psicólogo. — Até marmita já desapareceu e ingredientes que o pessoal da culinária usa na oficina. Precisamos ser mais enérgicos. Deveríamos colocar câmeras, restringir o espaço de circulação deles e, nesses casos, como disse na hora do roubo, deveríamos chamar a polícia, revistar, e não deixar ninguém sair enquanto não se resolve a situação.

— Bom, pessoal, entendo a indignação, mas faz tempo que não discutimos Alcebíades na reunião. Já fui referência dele. Ele está há mais de dez anos vivendo no mesmo local, em um ponto de ônibus. Todos o conhecem por aqueles arredores. Dizem que ele guarda seus documentos com a GCM e que sempre ganha um café da padaria próxima. Quando ele me levou lá, fiquei surpresa como cuidam dele. — Comenta Iara, psicóloga do serviço.

Neste momento, a auxiliar de enfermagem Filipa interrompe e diz:

— Tudo bem discutir a vida de Alcebíades, gente, mas afinal, o que vamos fazer com ele amanhã quando chegar aqui? Ele roubou um celular e isso foi grave. Eu não me sinto mais à vontade com a presença dele. Ele cometeu um crime.

Outros profissionais insistem em retomar a história do usuário. Marcas e lembranças vêm à tona:

— Quando ele chegou por aqui veio trazido por um conselheiro gestor da UBS. Não trocava olhares com ninguém, comia restos de lixo e pouca coisa se entendia de seu discurso. O combinado era que viesse ao CAPS diariamente, trazido e levado pelo morador do bairro. Na época, o serviço funcionava das 07h às 19h e aos poucos Alcebíades foi estabelecendo relações com os profissionais e com o local. Tomava seu banho na Unidade, realizava algumas refeições, e descobrimos que Alce gostava de samba e que se apegou a um pandeiro que tocava pelo serviço brincando com as outras pessoas.

— Galera, lembra do problemão que tivemos com os vizinhos quando ele distribuía material pornográfico nas caixas de correio e nos para-brisas dos carros

estacionados? Também dos períodos de frio, quando bebia muito e se desorganizou novamente precisando ficar em um CAPS III Álcool e Drogas?

— Alcebíades xingava a gente, gritava na Unidade e rabiscava em tudo quanto é lugar. Tinha “puta”, “vagabunda”, “viado” e “assassino” em várias portas.

— Sem contar a época do INSS. Antes pedia nossa assinatura até em papel de pão e dizia que era para pegar sua aposentadoria. E quando pegava o nosso carimbo e levava até o INSS? O INSS já ligava aqui dizendo que tinha um carimbo diferente por lá.

A história do usuário no serviço não era conhecida por todos os profissionais, já que muitos chegaram depois da entrada de Alcebíades.

Gabriel, oficineiro recém-contratado, pede a palavra:

— As pessoas que vivem na rua vão sendo engolidas por ela, perdem-se nesse contexto e aos poucos se esquecem quem são. Na rua o jogo é diferente. É disputa e sobrevivência.

Filipa conta que mora perto de onde Alcebíades fica e diz:

— Esses dias atrás um comerciante estava brigando com ele. Será que está recebendo o benefício? Quando está com a pá virada porque não recebeu o dinheiro, costuma ficar mais irritado.

— Mas e o furto que Alcebíades fez? Vai passar batido, gente? Agora ele é coitadinho?

O psicólogo então lança uma questão:

— E se Alcebíades estiver usando drogas, pessoal? Pode ser que não roube porque quer, mas que esteja em uma crise de abstinência. Pode ser um problema orgânico, fisiológico. O melhor nesse caso seria encaminhar a um pronto-socorro ou fazer um exame toxicológico. O laboratório daqui não faz esse teste? Se for uma fissura, o melhor é encaminhar pro PS assim que chegar amanhã.

Julio, assistente social, então propõe:

— Pessoal, amanhã a gente pode conversar sobre o roubo com Alce e entender melhor o que está passando e também pensar formas de reparar o dano sofrido pela doutora. Ultimamente ele não tem tocado samba. Passa rápido pelo CAPS, toma um banho e xinga os profissionais aos berros e vai embora. Tá meio estranho o jeito que ele tá com a gente.

Quando a reunião estava prestes a terminar, a psicóloga Patrícia pede a palavra:

— Estamos falando bastante do usuário, mas e a vítima? Acho importante a Doutora Joana falar. Ela que sofreu a violência e não disse nada a reunião toda. Precisamos parar a discussão para ouvi-la e acolhê-la.

Sou tomado rapidamente por aquele posicionamento. De maneira abrupta digo:

— A responsabilidade pela situação também foi sua, Joana, que deixou o celular na sala vazia. Precisamos cuidar melhor dos objetos coletivos e também cada um precisa cuidar melhor de seus objetos pessoais. Você também tem responsabilidade com esse sumiço, não acha? Aqui não estamos na nossa casa. Muita gente passa por aqui o tempo todo.

A médica então diz:

— Olha, só gostaria de dizer que essa fala sua foi mais violenta que o próprio roubo.

E a reunião que já havia passado de seu horário, termina.

Questões

Quem é aquele que rouba ou furta?

Tem polícia e juiz em nós, profissionais da saúde? Quando?

Cuidar é educar? Educar é violentar?

Em reuniões, disputas e competições? Pelo que e para que?

Encontro Cinco - Ossos do ofício e criação de possíveis

— Julio, já são 17h15. Sandra está na porta desde às 16h. Tivemos que fechar o portão porque saíria correndo.

Ouçó três batidas e gritos vindos da entrada:

— Tião! Você vai me abandonar, Tião. Vai me mandar pro manicômio de novo?! Pra lá eu não volto.

Carina, terapeuta ocupacional e referência de Sandra, aproxima-se e tenta acalmá-la.

— Sandra, Tião pode ter se atrasado um pouco. Você não quer fazer algo enquanto espera?

Era o primeiro dia de Sandra no CAPS após uma internação de quatro meses. Por dois meses ficou no setor de queimaduras do Hospital Geral. Abriu as quatro bocas do fogão, fechou a janela e acendeu o isqueiro. Contou-nos que Tião havia demorado a voltar do trabalho e não aguentou esperar.

Soubemos da internação de Sandra por uma ligação do hospital. Há uma semana Tião não ia visitá-la e foi pedido colaboração do CAPS para encontrá-lo. Fomos antes ver Sandra, estava com braços e pernas amarrados na cama hospitalar. Dizia que queria morrer e que não tinha ninguém na vida.

Encontramos Tião na segunda tentativa de visitas à sua casa.

— Gosto da Sandra, mas está difícil ficar perto. Não quero deixar ela, mas tô com medo. Ela quase explodiu a casa toda. Aqui as casas são coladas. Ela quase colocou fogo na comunidade toda.

Ouvimos Tião. Foram várias idas a sua casa. Aos poucos se reaproximou de Sandra no hospital. Passou a visitá-la uma vez por semana e assim a vontade de Sandra morrer foi diminuindo, dizia que queria sair dali, voltar para casa.

Sandra recebeu alta para a enfermaria de saúde mental do hospital, quando as queimaduras melhoraram. Por lá ficou mais dois meses por avaliação da equipe de um risco de suicídio e por certa resistência de Tião de que voltasse para casa. Reuniões foram realizadas entre os profissionais do CAPS, do hospital, Tião e Sandra para planejar seu retorno. Decidido o dia da alta, Sandra saíria com Tião do hospital, passaria no CAPS onde haveria uma consulta com a psiquiatra e iria para casa.

Chegado o dia, a equipe estava à espera do casal para recebê-los e continuar, dessa vez de forma mais próxima, o trabalho. Porém, após a consulta, Tião pediu que Sandra ficasse no CAPS para buscar as medicações na Farmácia de Alto Custo e voltaria às 16h para irem para casa.

Sandra fez com que Tião combinasse que iria voltar e aceitou esperá-lo. Sandra fez as unhas, almoçou na unidade, reviu os amigos que há tempos não encontrava. Porém, na medida em que o horário de sua ida se aproximava, Sandra ficava mais inquieta e dizia que Tião não mais a buscaria. O CAPS funcionava das 07h às 19h.

— Pessoal, já são quase 18h. Tião não atende o telefone e talvez não venha mais. O que podemos fazer?

— E se levássemos Sandra para casa de carro?

— Não dá, gente. Ela vai chegar em casa e entrar como? E se Tião não estiver lá, ela sozinha é arriscado.

— Nesse caso, vou ligar para o CAPS 24h que dá suporte pra gente. Explicamos a situação e tentamos combinar que ela passe a noite por lá e amanhã pensamos em outras saídas.

Após alguns minutos, o gerente retorna da ligação.

— O CAPS III³ não vai recebê-la. O horário para entrada de usuários novos é até às 17h e mesmo explicando a situação, foram enfáticos. Disseram que nesse caso seria só Pronto Socorro.

Às 19h, a maioria dos profissionais começa a registrar suas digitais no relógio de ponto para ir embora. Alguns dizem que têm compromisso e não podem esperar, outros só se despedem.

Sandra aguardava sentada na recepção do serviço.

— Carina, já anoiteceu, né? Será que Tião não vem mais aqui? Para onde vou, Karina? – balança as pernas e solta um grito – Vocês vão me mandar para o hospital, né? Não aguento mais ficar trancada.

— Sandra, estamos vendo qual é a melhor solução. Estamos contigo. Se acalma, mulher. Fica com a gente até resolver isso?

Já eram 20h e cinco profissionais continuavam no CAPS. Como possibilidade dada, poder-se-ia acionar uma ambulância e encaminhar Sandra ao pronto-socorro. Na sala de enfermagem, os profissionais reunidos discutem:

³ Os Centros de Atenção Psicossociais (CAPS) diferenciam-se em modalidade II (serviços que não funcionam 24 horas por dia) e modalidade III (serviços que funcionam ininterruptamente).

— Esse cara combinou e não vai aparecer. Puta que pariu. Quatro meses para receber alta e agora vai voltar de novo pro hospital?

— Tá pesado para ele, mas ele prometeu. E agora? Quem de nós vai acompanhar Sandra ao pronto-socorro?

— Eu não dou conta, mas se precisar. É o que tem pra hoje, né?

— Gente, tem um negócio em mim, tô pensando aqui... quero ver o que vocês pensam, mas não vai rolar Sandra voltar pro hospital.

— Como assim? E vai ficar onde? Na sua casa?

— Quem topa ficar com ela aqui essa noite?

— Desculpa, Julio, mas aí já é demais. E se acontece algo com essa mulher aqui? Quem vai se responsabilizar? Você se responsabiliza?

— Eu não posso ficar, mas fico à disposição se precisarem que apareça ou faça algo por telefone – disse o psiquiatra.

— Preciso avisar em casa que hoje não volto, mas topo – disse a assistente social.

— Me sinto convocada também. Esse negócio aí em você tá aqui também. – complementou a enfermeira.

— Então é isso. Vamos passar a noite aqui com Sandra.

O gerente telefona para a responsável pela Supervisão Técnica de Saúde para informar sobre a permanência do serviço aberto naquela noite:

— Boa noite. Aqui é Julio, gerente do CAPS II. Desculpe pelo incômodo a esse horário, mas precisamos comunicar que o serviço necessitará permanecer aberto, pois estamos com uma usuária em crise.

— Como assim? Ficar aberto? Isso é inviável. Vocês não têm estrutura. A usuária precisa ser encaminhada a algum ponto que esteja preparado para recebê-la.

— Sim. Tentamos o CAPS III de retaguarda e eles disseram receber só até às 17h. A opção seria o pronto-socorro, mas avaliamos que seria ruim para o projeto terapêutico dela, já que retornou de lá agora.

— Isso é irresponsabilidade da parte de vocês e caso ocorra algo, a responsabilidade será cobrada, já que estão tomando uma conduta sem nossa anuência. Estamos cientes do que está ocorrendo e amanhã nos envie um relatório detalhado para tomarmos as providências cabíveis.

— Estaremos em três profissionais com a usuária e acredito que é o melhor para o momento.

Em seguida perguntamos a Sandra o que jantaríamos:

— Tem como pedir uma coca-cola?

Sandra come pizza, toma coca-cola e vai dormir no sofá da Unidade. Dorme a noite toda, levanta para ir ao banheiro. Durante a noite, escutamos seu sono profundo e ronco alto. Levanta às 06h30min e nos encontra.

— Vocês ficaram mesmo?

A enfermeira, então diz:

— Tamo junto, Sandra. Agora vamos pra casa dormir e a equipe que ficará já vai servir o café.

Questões

Quando desobedecer foi vitalizante?

Como as leis e regras foram pensadas? Quem as fez?

Como é a espera do que não vem?

De quantos ossos se faz um ofício?

Encontro Seis - Cachorro e outras coisas

A campanha do CAPS toca. Era tarde quente de um sábado. Cinco usuários estavam em acolhida integral. O som do ambiente vinha de uma tv que propagava programas de auditório. O almoço tinha sido servido há pouco. Dos acolhidos, dois estavam na sala, um na enfermagem onde a auxiliar aferia sinais vitais e os outros dois nos dormitórios, descansando. Eu, como enfermeiro responsável pelo plantão, penso se essa campanha poderia quebrar o clima de tranquilidade. Vai que acontece alguma coisa. Alguém em crise? Respiro fundo e vou ver o que é. Ainda do lado de dentro, pergunto:

— Boa tarde. Hoje só estamos funcionando em plantão. O que deseja?

— É o seu Reinaldo?

A voz parece familiar, um sotaque mineiro que me remetia a uma senhora que ficou acolhida no CAPS há umas duas semanas. Estaria em crise de novo?

— Socorro? Maria do Socorro?

— Sim, seu Reinaldo. Abre aqui pra mim.

Abro a porta e encontro Socorro, seu marido e uma caixa de papelão.

— Surpresa! Viemos trazer um presente para o CAPS. Olha só!

Dentro da caixa, duas pequenas bolas de pelos. Realmente fico surpreso. Adoro cães. Pego na mão e vejo o sexo. A pretinha era fêmea e o caramelo era macho.

— Seu Reinaldo, eles já desmamaram. Agora vão ser os cachorrinhos de estimação do serviço.

— Mas, Dona Socorro, aqui é um serviço de saúde. Não pode ter animais. A vigilância sanitária e a gestão não vão autorizar. Não sei o que dizer a vocês. A gente agradece a consideração, mas não vai dar.

Com minha demora na porta, Sophia, que está em acolhida há mais de dois meses, aproxima-se:

— *Bonjour*, salamaleico, saionará. Quem está aí, Reinaldão? Olha a Dona Socorro! Como vai, minha véia? O que você tá segurando? É de comer? Deixa eu ver aí.

— Oi, Sophia! Nem adianta, bem. Achei que estava ajudando, mas já vi que estou estorvando com meu presente. Queria só agradecer com essas belezinhas, mas fiz merda.

Quando percebe que são dois cães, Sophia dá um grito e pega o caramelo na mão espalhando a notícia.

— Pessoal, venham ver que coisinhas mais lindas chegaram ao CAPS! Corre gente! Agora o CAPS tem cachorrinho.

Cada um que estava no local vai se aproximando. Duas auxiliares de enfermagem chegam esbaforidas, pensando que tinha acontecido alguma coisa, alguém teria se agitado. Os cães são colocados no chão e em roda todos observam os pequenos passos cambaleantes e seus barulhos. A fêmea late e exclamações de encanto são expressadas. Edvaldo, que estava acolhido há três dias por tentativa de suicídio, sorri ligeiramente. Um dos cães vai em sua direção e ele o pega no colo e acaricia.

— Quando era moleque tinha um que se chamava Totó.

A situação me comove. Primeira vez que vejo Edvaldo interagindo sem estar com olhar cabisbaixo. Mas não sei se os cães podem ter alguma doença transmissível, se ficarão agressivos quando crescerem. E como ficar com esses animais sem autorização? Preocupo-me se não poderia me prejudicar deixando que os cães ficassem.

— Dona Socorro, agradecemos muito pelo presente, mas não poderemos ficar com os cãezinhos hoje. Precisamos de autorização.

Sophia então interrompe:

— De jeito nenhum, Reinaldão! Presente não se nega. Você está sendo mal educado com Socorro. Eles já são nossos! Daqui eles não saem. Se eles forem embora eu também vou. Olha que coisinha mais linda! Isso aqui tava um paradão que só por Deus. Tem nada pra fazer nesse lugar. Os bichinhos têm que ficar. Como vão se chamar, gente?

— Sophia, respeita que eu sou o enfermeiro do plantão.

Olho para as outras duas profissionais que estavam comigo. Uma está com um usuário servindo leite para os cães em um prato plástico. A outra observa com as mãos no queixo e expressão de interrogação. Não sei o que fazer. Peço para todos esperarem que iria ligar para a gerência.

— Alô. Boa tarde, Enrique. Desculpa incomodar seu sábado. É que está acontecendo uma situação inusitada aqui no serviço e não consigo tomar uma decisão. Preciso de seu apoio.

— Boa tarde, Reinaldo. Pode falar. Aconteceu alguma coisa? O que você precisa? Algum usuário está em crise?

— Mais ou menos. Dona Socorro apareceu aqui com dois cachorros.

— Eita. O que ela quer com esses cachorros?

— É de presente para o CAPS. Está conturbando o sossego do plantão. Enrique, conheço todas as normas de segurança e das exigências da vigilância sanitária e sei que é

impossível a permanência deles aqui. Não quero que entenda que estou sendo irresponsável, mas está difícil dizer que eles não devem ficar. Sofia já está apegada e se eles forem embora é bem capaz que vai surtar. Edvaldo está contente com os cães. Só gostaria de confirmar se é isso mesmo. Vou pedir para eles levarem os cães daqui. Tudo bem? Era mais pra sua ciência.

Ouçõ Enrique gargalhar do outro lado do telefone, pergunto-me se o gerente estaria embriagado nessa tarde de sábado.

— Dois cachorrinhos?! Eu adoro cachorros! Cara, poderemos ter problemas com eles.

— Como disse, pensei em não deixá-los ficar. Penso ser o mais sensato, mas Sophia já está com um no colo e Sr. Edvaldo até sorriu.

— Uma sinuca de bico, hein!?... Também não sei. E se chamasse uma assembleia geral com quem estiver aí. Tudo nos conformes. Registro em ata e regime de votação. Dependendo do resultado, que a gente já sabe, né, segunda pensamos os próximos passos.

— Sério? Pode? Bacana!

Segunda-feira, os cães já estavam ambientalizados. Uma das psicólogas trouxe cobertas para deitarem e uma quantidade de ração. O CAPS era espaçoso e vez ou outra passavam correndo pelo espaço. Às vezes estavam deitados no colo de alguém. Entretanto, Josiane, psicóloga antiga da unidade, chega até mim e diz:

— Tá certo, Reinaldo. Você é o responsável por mais essa baderna. Isso aqui além de hospício vai virar zoológico, agora? Esses bichos cheios de pulgas, carrapatos podem transmitir toxoplasmose, raiva. Pensava que você como enfermeiro, fosse mais responsável.

— Josi, os usuários estão animados com a presença dos cães. Podemos cuidar para que não sejam vetores de nenhuma doença. E desde o início conversei com a gestão e fizemos uma assembleia para decidir se ficariam ou não.

— Não me surpreende a gestão mais uma vez ser negligente com a situação. Aqui pode tudo! Não vou me irritar mais do que já estou. Se esse cachorro vier pra cima de mim, meto o chute. Muita coisa precisa mudar para que isso aqui melhore. Parece só ladeira abaixo. Quando alguma coisa séria acontecer, aí não digam que não avisei.

O cachorro macho desapareceu após um mês. Ninguém descobriu o que aconteceu com ele. Após cerca de seis meses, o serviço recebeu uma ouvidoria anônima para que a cachorra fosse retirada, com a justificativa de risco sanitário.

Questões

Presente se nega a receber?

Como foi o encontro com o bicho que lhe afetou?

Uma lagartixa pode ser de estimação?

O que acontece quando nada acontece?

Encontro Sete - Vizinhanças entre proteção e comunidade

- Você ouviu o grito?

- Não. Estava concentrado aqui no computador. Que grito?

- Uma criança gritou.

- E? Aqui é um CAPS infantil, certo? Você está preocupada com a criança?

Aconteceu algo com ela?

- Olhe pela janela.

De uma janela grande do segundo andar de um sobrado em frente ao CAPS, uma senhora de camisolas com seu celular em punho, mira o serviço. O telefone da unidade toca.

- Já estava esperando. Vou atender.

- Alô... Sim, sou a gerente da Unidade... Pois não... Sim... Estamos com o funcionamento dentro do preconizado. Não há nenhuma intercorrência que necessite da presença da polícia... Estou certa, senhor. Cuidamos de crianças e elas fazem barulhos.

- O que está acontecendo, Isabela?

- A vizinhança tem feito reclamações diárias. Fazem ouvidoria, chamam a polícia. Alguns vizinhos xingam os adolescentes. Um dia desses, jogaram água com creolina em um pai que segurava um bebê.

Uma funcionária então sobe as escadas às pressas e diz:

- Você precisa vir aqui agora.

Descemos as escadas correndo. Em silêncio, crianças, adolescentes, adultos e velhos estavam parados em frente à televisão. Ouço o apresentador então dizer:

- É i-na-cei-tá-vel. Vizinhança pacata perdeu a calma do bairro por conta de delinquentes num lugar chamado CAPS. Almirante Airton, foca na piscina. Eles estão nadando! É uma grande algazarra. Quando é que as autoridades vão se movimentar?

Por cima, barulho de helicópteros.

Meses depois Isabela conta que recebeu um oficial de justiça. Foi-lhe entregue uma carta: ordem de despejo. O CAPS teria que procurar uma nova morada.

Questões

Do helicóptero, onde, quando e como filmaria?

Em vizinhança, de perto ninguém é normal?

Conversar, denunciar, expor ou duelo de espadas?

O que percebia do local vivido mais incômodo?

Encontro Oito - Trabalho em pandemia

Meados de março de 2020, ao chegar à UBS, Marina foi abordada por uma profissional paramentada da cabeça aos pés que se encontrava na porta: “Coriza? Febre? Dor no corpo? Tosse? Falta de ar?” Dito *sim* para febre e dor no corpo, sua entrada foi permitida no ambiente. Marina estranhava o lugar vazio e silencioso. Parecia não estar na UBS de costume.

Ela, auxiliar de enfermagem do CAPS, foi orientada pelo gestor do serviço a realizar uma avaliação, pois poderia estar com COVID-19. O protocolo era sintético: “Suspeita de quadro gripal, encaminhar à Unidade Básica mais próxima”.

Da sala de espera, em pé, ouve um chamado que vem de dentro do consultório:

— Marina Souza Santos.

Direciona-se ao consultório e cumprimenta o médico que estava a aguardando:

— Bom dia, Doutor.

O médico na sala passava álcool em gel nas mãos repetidas vezes. O avental desamarrado e a percepção de alguns tremores que dificultavam a vestimenta das luvas fez Marina pensar em oferecer alguma ajuda. “Como está perdido, ele está paramentado todo errado” – pensava ela. Porém, antes de qualquer fala, o médico a interpela:

— Bom dia. Pode ficar aí mesmo. Vou fazer algumas perguntas. Você é profissional de saúde e não está se sentindo bem, correto?

— Sim, doutor. Estou febril e com dores musculares. Acho que pode ser uma gripe.

— Certo. Você ficará afastada por quatorze dias.

— Mas dá pra saber o que é? Será que estou com COVID?

— No momento os testes estão disponibilizados somente para pacientes internados. Vá para casa e se cuide.

Em casa, no segundo dia afastada, a febre e as dores aumentam. Toca o telefone e Marina atende:

— Bom dia, Marina. Aqui é o Doutor Fábio. Iremos ligar diariamente para saber como você está.

— Doutor, estou com febre alta e as dores aumentaram. Não sinto falta de ar, mas estou bem pior do que o dia que fui aí.

O médico a relembra que neste caso teria que tomar Dipirona e aguardar fazer efeito. Somente em último caso, se piorasse muito, devia procurar algum serviço de saúde, pois poderia estar transmitindo e o ideal era se manter isolada.

Passados os quatorze dias, Marina retorna ao CAPS. Na primeira reunião que participa, conta aos colegas:

— Pessoal, estou bem melhor. Obrigada pelas mensagens. A sorte era que a UBS ligava todos os dias. O mais difícil era com meu filho de um ano. Tinha muito medo de tocar nele. Teve vezes que me enrolei num lençol para poder dar um pouco de colo.

Após dois dias, Marina tosse discretamente na área aberta do CAPS.

— Marina, você ainda está com tosse? Não se recuperou?

— Não estou com tosse. Foi um engasgo. Se eu passar no médico novamente irei me afastar por mais quatorze dias e entrarei no INSS. Com essas agendas do INSS fechadas, vai saber quando passo por perícia, quando volto ao trabalho e quando receberei meu salário novamente. Sinto um pouco de dor, mas já-já passa.

Questões

Onde a cidade e os lugares transformaram o que lhe fez sentir?

Da casa ao trabalho, um percurso mutável?

Da pandemia, o que fica?

Nada do que foi será de novo de um jeito que já foi um dia?

Encontro Nove - Convívios e distanciamentos

Em fevereiro de 2020, uma nova Residência Terapêutica havia se inaugurado no território. Os moradores, provenientes de vários hospitais psiquiátricos do estado de São Paulo, juntavam-se em um espaço desconhecido para morar. Experimentavam andar pelo bairro e descobrir praças e comércio.

No início de março do mesmo ano, assistiam ao noticiário da televisão que a pandemia estava se aproximando. Já haviam sido avisados pelos funcionários da casa que, de agora em diante, as regras iriam mudar: não poderiam mais sair porque todos na cidade estavam em isolamento para que o vírus não se propagasse. As visitas à casa também tinham sido limitadas. Somente profissionais entrariam e paramentados da cabeça aos pés.

Quando entrei pela primeira vez de máscara e avental, olhares de espanto e desconfiança me alcançavam. O calor da tarde fazia com que eu transpirasse. Sem poder apertos de mão, o novo cumprimento era o encosto dos dois cotovelos ou pé com pé.

João fumava seu cigarro na cadeira do alpendre. Ao me aproximar para cumprimentá-lo com meus cotovelos, João abruptamente se esquivava e tenta se proteger. Assustado, tento dizer que era só um “oi”, mas João me olha atento e encolhido expressa não querer proximidade.

Rogério me recebe e pergunta:

— E aí? Foi pra isso que tiraram a gente de lá? Pra ficar trancado aqui com esse povo que nem conheço.

Ao ver Solange, pergunto a ela como se sente com todas essas novidades. Solange então explica:

— O coronavírus é uma bola solta no ar cheia de coraçãozinhos com bactérias que matam.

Questões

Na narrativa *Convívios e Distanciamentos*, o que chamou a atenção em suas leituras?

Quanta saúde e loucura há em um rolê?

Tiraram gente de lá pra que?

Entre beijos, abraços e apertos de mão, o que se perdeu na pandemia?

Em que casos o coronavírus é uma bola solta no ar cheia de coraçõzinhos com bactérias que matam?

Convívios e distanciamentos sociais cuidam e violentam?

Encontro Dez - Morte em vida

— Gosto tanto do Francisco Cuoco. Tenho vontade de conhecer ele.

— Acho que ele já morreu, Apolonio.

— O Francisco Cuoco? Nossa!

— Peraê. Deixa eu conferir na internet.

Sirlene, que trabalha onde eu moro, olha o celular e escreve alguma coisa. Como vai descobrir se o Francisco Cuoco está vivo por ali? Teria ela o telefone dele?

— Nossa Apolonio. Não é que ele está vivo! Apareceu aqui ele tomando a segunda dose da vacina.

— Ah! Falei que ele estava vivo! Eu sabia! E você estava errada! Sabia!

— Jurava que já tinha morrido, mas o Chacrinha já morreu e você não acreditou em mim.

— Para! Chacrinha também está vivo! A gente vê ele na tv e no final do programa ele se despede e diz que no próximo sábado encontra a gente de novo.

— Não, Apolonio. Aquele programa é gravado. Foi feito há muito tempo atrás. Não é ao vivo. Quer ver?

Sirlene volta a mexer no seu telefone de novo. Ali parece que encontra resposta para tudo.

— O Chacrinha nasceu em 1917 e morreu em 1988.

— Caramba. Ué. Em 88 eu estava no hospital e não fiquei sabendo que tinha morrido.

Fico triste e desconfiado com aquela resposta. Assistimos o programa dele na tv da sala várias vezes na semana.

— E as moças que estão na platéia? Também morreram?

— Aí já não sei. Algumas devem ter morrido, outras não. Esses programas foram gravados faz tempo.

— Veja aí no seu telefone, Sirlene.

— Aí não consigo saber.

— Estranho. Não quero que as moças tenham morrido também. Tão bonitas. Como assim o programa foi gravado?

— É como se fosse um filme, uma fotografia. Eles guardaram aquelas imagens e agora mostram, mas já passou.

Continuo sem entender muito bem.

— Sirlene, quero ter minha casa para ter onde guardar meu caixão.

— Como assim, Apolonio? - Ela parecia espantada com o que eu disse. Vira e mexe faz essas caras.

— É. Acho que vou comprando as coisas aos poucos e deixo guardado aqui até conseguir minha casa.

— Aqui? Você quer guardar um caixão aqui? Deus me livre, Apolonio.

— Não sei. Quero comprar dois caixões. Porque se um ficar velho já tenho outro

Questões

Como aconteceu a conversa que mais estranhou?

Quem é vivo sempre aparece?

Quem é morto desaparece?

Como é a morte em vida?

Morte, vida e alegria podem jogar juntos?